

Michael Douglas

O East Ballroom do hotel Marriott em Oakland, na Califórnia, está com seus 1178 assentos tomados em 21 de abril de 2017. Richard Doblin, fundador da Associação Multidisciplinar para Estudos Psicodélicos (MAPS, na abreviação em inglês), segue com a palestra de abertura da terceira conferência Psychedelic Science,¹ obtendo aqui e ali risos e aplausos por suas tiradas sobre a luta de três décadas contra a proibição de substâncias como a metilenodioximetanfetamina (MDMA, a base da droga recreativa ecstasy). Rick, como todos o chamam, e sua associação estão a ponto de completar a façanha de obter aprovação do MDMA como medicamento, e, para demonstrar seu potencial psicoterapêutico, Rick projeta um vídeo que, além de palmas e risadas, desta vez arranca lágrimas de várias pessoas na plateia.

Um jovem bem-apessoado, barba e cabelos negros, aparece recostado numa cama ou divã. Seu nome é Nicholas Blackston, Nick, fuzileiro naval que teve dois turnos de combate no Iraque e desenvolveu transtorno de estresse pós-traumático (TEPT). Do casal de terapeutas presente à sua primeira sessão de terapia assistida por MDMA só se veem as mãos da mulher à direita, que ocasionalmente toma notas. Ouvem-se suas vozes, porém, com

intervenções limitadas a frases genéricas de apoio, na linha de “Obrigado por compartilhar isso conosco”. Nick fala com voz pausada, entrecortada por silêncios em que parece buscar palavras adequadas para exprimir emoções e pensamentos em turbilhão.

“Eu achava que era uma pessoa pacífica. Talvez no Iraque eu tenha visto do que era mesmo capaz. Acho que uma parte de mim se sente mal pelo que fiz a ele”, diz, referindo-se na terceira pessoa àquela parte menos apresentável de si cuja existência negava antes de ir para a guerra. Conta que no momento se sente em paz com o fato de ser essa sua jornada, de ter precisado matar sob risco de morrer para aceitar algo que sempre fizera parte dele, mas receia que isso se perca quando a sessão acabar. “Eu acabei de obter esse incrível senso de sabedoria. Sei que é parte da droga. Me pergunto se vou conseguir reter isso, esse entendimento, essa sabedoria, esse conhecimento que tenho agora.”

Nick teve sucesso. Em outro vídeo, de 2014,² narra sua história de superação ao lado de Tom Shroder, autor do livro *Acid Test: LSD, Ecstasy, and the Power to Heal* (“Teste do ácido: LSD, ecstasy e o poder de curar”, em tradução livre), no qual seu caso é narrado. Nick conta que nos combates em Faluja atirou em rapazes de menos de quinze anos carregando fuzis Kalashnikov. Viu outros soldados serem queimados vivos. Seu melhor amigo morreu num ataque ao veículo Humvee em que estavam.

Seis meses depois de voltar aos Estados Unidos começaram os pesadelos, a ansiedade e os ataques de raiva que quase destruíram seu casamento. Foi tratado sem bons resultados com o antipsicótico quetiapina (comercializada com o nome de Seroquel) e o antidepressivo sertralina (Zoloft), da classe dos inibidores seletivos de recaptção (reabsorção) de serotonina. Naquela altura, em 2014, a vida de Nick seguia normalmente, sua mulher estava grávida e ele se tornara uma espécie de apóstolo do MDMA.

O soldado traumatizado tinha passado por um total de quinze

sessões do protocolo de terapia assistida desenvolvido pela MAPS: três de preparação para o experimento e nove de “integração”, mais três com uma dose de 75 miligramas de MDMA. Seguiram o mesmo esquema todos os 24 participantes do teste clínico de fase dois, etapa de pesquisa em que se testa a eficácia de um medicamento. Como Nick caiu no grupo que recebeu uma dose mais baixa, foi-lhe oferecida a opção de repetir o protocolo em mais três encontros, com doses de 125 miligramas, que ele aceitou. “Salvou a minha vida. Eu precisava daquela parte da minha pessoa. Finalmente senti que tinha uma parte da minha cabeça de volta.”

Não fosse por Rick e sua associação, sequer teria acontecido o ensaio clínico que devolveu o fuzileiro naval à vida normal e o livrou do TEPT com seis doses de MDMA. Graças ao ex-hippie, esse tipo de estudo chega agora ao ápice, com a realização de testes de fase três em curso, autorizados pela Food and Drug Administration (FDA), a agência de fármacos e alimentos dos Estados Unidos. Estão inscritos trezentos voluntários, selecionados entre os mais de 20 mil que se candidataram pela página da MAPS na internet. Se o experimento de grande escala demonstrar a segurança e a eficácia do psicodélico como adjuvante psicoterapêutico, na comparação com o grupo que recebe placebo, há expectativa de que a terapia assistida por MDMA entre para a lista de tratamentos autorizados pela FDA em 2022 ou 2023. Quando isso acontecer, será a primeira droga psicodélica aprovada para tratar problemas mentais depois das sucessivas proibições nos anos 1970 e 1980.

O percurso até a linha de chegada tinha começado muito antes da conferência de 2017 em Oakland. Foi em 1982, quando Rick experimentou MDMA, ou talvez seja mais correto dizer 1972, quando travou contato com a obra de um dos papas da psicodelia medicinal, Stanislav Grof.

Essa longa história foi contada por Rick na cozinha de sua casa em Belmont, subúrbio de Boston (Massachusetts), na entrevista que me deu em 11 de outubro de 2018. Ele tinha à sua frente, sobre a mesa de fórmica, uma tigela de pipoca fria, que não parou de beliscar durante a meia hora consumida em resolver problemas mais urgentes em mensagens de celular e computador, antes de iniciar-se a entrevista propriamente dita. Tocou o telefone, e ele passou a narrar para a pessoa do outro lado da linha, num diálogo entusiasmado que não pude deixar de ouvir, a apresentação que fizera sobre o MDMA em Orlando (Flórida), dias antes, para uma plateia de chefes de polícia em convenção. As corporações policiais americanas têm em seus quadros muitos ex-combatentes, e os veteranos com transtornos mentais dos Estados Unidos chegam a quase 1,5 milhão, 868 mil deles com TEPT³ — daí o interesse dos chefes de polícia nos trabalhos da MAPS. O tratamento psíquico de ex-combatentes custa 29 bilhões de dólares anuais ao governo, dos quais dezessete bilhões são gastos só com estresse pós-traumático. Pelo menos quinze veteranos cometem suicídio diariamente nos Estados Unidos.⁴

Mais animado ainda se mostrava Rick, naquela tarde de 2018, com “Medicina psicodélica: da tradição à ciência”, um debate de que participara no dia anterior. O evento ocorreu no Instituto Broad, iniciativa conjunta da Universidade Harvard e do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), dois templos da ciência de ponta americana. Rick mostrou uma foto da projeção no fundo do palco do auditório, orgulhoso pelo logotipo de sua associação ao lado das marcas acadêmicas mais famosas. “Chocante, incrível.” Mais de mil pessoas tiveram de acompanhar a discussão em telas nos salões adjacentes, porque a plateia estava lotada de cientistas e professores, alguns deles chefes de serviços de psiquiatria de hospitais importantes como o Hospital Geral de Massachusetts, também conhecido como Mass General. Uma

reviravolta, porque meses antes nenhuma das grandes instituições, afinal, havia aceitado participar do teste clínico multicêntrico que a MAPS tem hoje em curso. “Agora eles têm medo de serem deixados para trás”, diz, rindo.

Nada mau para o líder que foi um adolescente judeu apavorado com as narrativas do Holocausto, com o fantasma de bombas nucleares russas na Guerra Fria e com a possibilidade de ser convocado para a Guerra do Vietnã, contra a qual se tornou militante. Experiências difíceis com maconha e LSD não lhe reduziram a ansiedade, na época, e Rick buscou ajuda de seu tutor no ensino médio. Surpreendentemente, o professor lhe recomendou a leitura de um livro de Stan Grof e lhe emprestou uma cópia surrada do volume. O psiquiatra de origem tcheca dizia que os psicodélicos estavam para o seu campo como o microscópio para a biologia e o telescópio para a astronomia. “Isso mudou tudo”, conta Rick, que decidiu dedicar a vida a tornar realidade a promessa terapêutica daquelas substâncias (o LSD já estava proibido, mas o MDMA não).

A década seguinte foi de instabilidade, Rick pulando de emprego em emprego sem conseguir engatar seu sonho. Em 1982, retomou a faculdade e logo no primeiro semestre ficou sabendo de um curso de Stan Grof no Instituto Esalen, em Big Sur, na Califórnia. Partiu para lá. Durante o curso, uma moça apresentou a droga nova para ele, MDMA. De início não viu vantagens em relação ao LSD: “Fui tonto ao subestimar, mas esperto o bastante para comprar um pouco”, conta. Ao tomar a substância com a namorada, ficou encantado com a profundidade do efeito e o quanto se tornara amoroso. O barato mais curto e suave que o do LSD, sem dar margem a alucinações, era marcado por forte empatia e vontade de socializar. Pareceu-lhe perfeito como apoio para psicoterapia, o que de fato já vinha acontecendo — estima-se que 500 mil doses foram usadas terapêuticamente nos tempos pré-proibição.

Rick queria ver o MDMA reconhecido oficialmente, mas a droga se tornara coqueluche nas festas conhecidas como raves, em que ganharia apelidos como ecstasy, *candy*, *molly* e “Michael Douglas”. O uso recreativo chamou a atenção da DEA, toda-poderosa agência de controle de drogas dos Estados Unidos, que iniciou uma consulta pública de trinta dias para criminalizar “Michael Douglas”. Uma ação na justiça obteve decisão administrativa recomendando incluir o MDMA na lista de remédios passíveis de prescrição, mas a DEA se adiantou e declarou uma emergência. Contrariando a recomendação de especialistas médicos, em 1985 o composto passou a figurar de modo definitivo na lista das substâncias proibidas, o famigerado Schedule 1.

Com todas as vias bloqueadas, a reação do militante foi criar a MAPS em 1986, misto de associação de estudos com startup farmacêutica sem fins lucrativos que tinha por missão reabilitar o MDMA como remédio de apoio para psicoterapia. Pouco mais que uma ONG, a associação se lançou no paciente trabalho de convencer outra agência governamental, a FDA, do potencial terapêutico do ecstasy. A custo obtiveram-se autorizações para realizar estudos de fase dois com a droga, destinados a comprovar baixa toxicidade e potencial terapêutico, que começaram em 2004. Nesse meio-tempo, Rick concluiu um doutorado em políticas públicas na Escola de Governo John F. Kennedy, defendido em 2000 na Universidade Harvard, com uma tese sobre a regulamentação de usos médicos de compostos psicodélicos e maconha.

Ao todo, seis testes de fase dois foram realizados. Todos seguiram o protocolo definido pela MAPS, que previa a participação de homens e mulheres com transtorno de estresse pós-traumático crônico — vários deles veteranos, bombeiros e policiais, ou vítimas de abuso sexual —, apresentando sintomas há pelo menos seis

meses e cinquenta pontos ou mais na escala padronizada de diagnóstico CAPS que mede a intensidade de estresse pós-traumático. Com pequenas variações no esquema de tratamento, a maioria passou por duas ou três sessões de orientação antes da etapa de terapia propriamente dita, com uma dezena de encontros, mas só duas sessões tendo o MDMA fornecido como adjuvante, com doses variando entre 40 e 125 miligramas. Nestes casos, em lugar dos noventa minutos da consulta regular, o paciente ficava acompanhado em toda a duração do efeito (tipicamente de três a quatro horas de pico) por uma dupla de terapeutas, com a opção de usar máscara para vendar os olhos e ouvir música instrumental suave. O participante falava se e quando quisesse, e os acompanhantes se restringiam a palavras de encorajamento, deixando interpretações e discussões para consultas subsequentes de integração.

Os resultados foram bastante bons: nas avaliações de um a dois meses após as sessões experimentais, 54,2% dos participantes do grupo principal já não satisfaziam os critérios para diagnóstico de TEPT, contra 22,6% do grupo de controle. Um ano depois, a melhora dos que tomaram doses ativas de MDMA foi ainda mais pronunciada, com 68% livres do transtorno. A MAPS apresentou os dados à FDA, que em 2017 acabou concedendo à droga o status de *breakthrough therapy* (terapia inovadora), via burocrática facilitada para acelerar a aprovação de medicamentos cujos estudos preliminares apresentem benefício significativamente maior que os tratamentos disponíveis. A reunião dos dados dos seis testes preliminares terminou publicada em periódico científico em 2019, tendo Rick como autor principal.⁵

A aprovação da FDA para realizar estudos de fase três, que exigem reprodução dos resultados com centenas de pacientes para conceder a licença definitiva, saiu em 2018. Começou então a batalha de Rick e associados para levantar de 25 a 30 milhões de dólares para custear o teste clínico com duzentos

a trezentos participantes e o treinamento de dezenas de terapeutas, mais 9 milhões para realizar um braço do ensaio na Europa. Na época da entrevista, em 2018, o caixa da MAPS contava com 27 milhões de dólares em doações, incluindo um milhão da família do conservador Robert Mercer, bilionário de *hedge funds* que fundou a polêmica Cambridge Analytica, empresa mineradora de dados pessoais nas redes sociais para influir em processos eleitorais mundo afora. A única condição dos Mercer foi que a MAPS empregasse o donativo em pesquisas para beneficiar veteranos de guerra.

Rick, antigo opositor da Guerra do Vietnã, hoje ri da ironia e das voltas que a história dá. Cita iniciativas de desregulação na área de medicamentos capitaneadas pelos republicanos Ronald Reagan e Donald Trump, que permitiram o chamado uso compassivo de remédios ainda não licenciados pela FDA no tratamento de raros casos extremos, sem esperança de cura com terapias convencionais, em que o paciente assume individualmente o risco e o custo da droga (como já tem acontecido com o MDMA). Também data de 1984, em pleno governo Reagan, a legislação que incentiva o desenvolvimento de remédios a partir de compostos sem patente (caso do MDMA, fórmula no domínio público) dando ao desenvolvedor exclusividade de cinco anos na comercialização, vantagem que a MAPS pretende utilizar para se capitalizar e se firmar no mercado como provedora principal da psicoterapia assistida por MDMA — não só a droga, que não estará à venda em farmácias, mas o pacote completo, que inclui o treinamento de terapeutas segundo os protocolos aprovados.

É praxe em testes clínicos de fase três que eles sejam realizados em vários centros de pesquisa. Neste caso são doze, oito dos quais nos Estados Unidos, dois no Canadá e dois em Israel. Estão previstas três aplicações, de 75 ou 125 miligramas, que serão comparadas apenas com o uso de placebo, uma vez que os estudos

de fase dois indicaram ser inviável empregar a dose de quarenta miligramas como placebo ativo, plano inicial de Rick. Ele conta que essa era sua proposta para contornar um problema central dos testes com psicodélicos, que deveriam ser duplamente cegos, ou seja, tanto experimentadores quanto participantes ignoram quem toma a substância ativa e quem recebe placebo, mas que acabam não satisfazendo esse requisito de maneira ideal por causa dos óbvios efeitos psíquicos ocasionados pela droga; a pessoa quase sempre sabe se está no grupo da droga ou não, o que pode confundir os resultados.

Com a dose diminuída para quarenta miligramas, abaixo do limiar capaz de alterar a consciência, esperava-se que algum efeito fosse sentido pelo paciente, em especial no plano fisiológico — aumento da frequência cardíaca, por exemplo —, mas não no psíquico. Ao longo da fase dois ficou claro que a dosagem não serviria como placebo ativo, já que a subdose acabou induzindo irritação em vários participantes, prejudicando a disposição em se engajar no processo terapêutico a que todos eram submetidos.

Para um composto conhecido desde 1912, sabe-se pouco do mecanismo de ação do MDMA no cérebro humano. A droga foi sintetizada originalmente nos laboratórios da empresa farmacêutica alemã Merck como parte dos estudos de uma nova via sintética para criar medicamentos anticoagulantes e concorrer com um remédio patenteado pela Bayer.⁶ Caiu assim por terra a lenda de que a farmacêutica teria sintetizado a substância para tirar o apetite de soldados alemães e de que um batalhão participante da pesquisa teria marchado sem camisa e sorridente sob seu efeito, história que se propagou até chegar a textos da própria agência americana DEA. Embora tenha patenteado o composto em 1927, até 1950 a companhia alemã só realizou testes com ela em ani-

mais, e nunca deu os passos necessários para transformá-la num medicamento de uso humano.

O padrinho da ressurreição do MDMA foi Alexander “Sasha” Shulgin, cultuado como herói icônico (e iconoclasta) da história psicodélica. Depois de trabalhar vários anos na empresa química americana Dow, onde se ocupava com design de inseticidas, Sasha montou um laboratório caseiro nos anos 1960 para sintetizar cerca de duzentos compostos estruturalmente semelhantes a psicodélicos conhecidos, como mescalina, psilocibina e LSD. Ele testava os efeitos em si próprio e num círculo de amigos, como narra com a mulher, Ann Shulgin, no livro *Pihkal: A Chemical Love Story*⁶ (“Uma história de amor química”, em tradução livre; *Pihkal* corresponde ao acrônimo em inglês para a frase “fenetilaminas que conheci e amei”).

No relato autobiográfico, em que o casal usa como alter ego a dupla fictícia Alexander “Shura” Borodin e Alice, e chama de Dole o correlato da empresa Dow, Sasha conta que já havia sintetizado o MDMA em 1965, como parte de seu trabalho na empresa, mas só teve a atenção atraída para os efeitos psíquicos anos depois, graças a uma estudante da Universidade da Califórnia em São Francisco que lhe disse ter sentido grande leveza e calor humano ao tomar cem miligramas com amigos. Como parte de seus experimentos, ele ingeriu uma dose de 120 miligramas com uma mulher que identifica como Janice. Sob efeito do ecstasy, ela perguntou: “É correto estar viva?”. Sasha respondeu que sim, era uma dádiva, e ela começou a correr pelo gramado exclamando que nada havia de errado em estar viva. Na conversa que se seguiu, ela lhe contou ter nascido por uma operação cesariana em que a mãe acabou morrendo, e que por cinquenta anos se culpava por isso. Meses depois, quando ligou para saber como ia a mulher, Sasha ouviu que estava bem, em paz, e tinha suspenso a terapia que fizera por décadas.